

“EU QUERO MISERICÓRDIA E NÃO SACRIFÍCIO”

(Os 6,6)

Neuza Silveira de Souza
Maria de Lourdes Augusta

Resumo

Este artigo se refere a uma reflexão sobre o tema “Eu quero misericórdia e não sacrifício”. Parte, a princípio, da citação bíblica do livro do profeta Oseias 6,6. Oseias, vivendo num período crítico da história de Israel, ultrapassa sua dramática experiência matrimonial, e revela, a partir de sua fé, um novo rosto de Deus: o do amor misericordioso. Sua atitude é a de se colocar no combate aos cultos supersticiosos, cujas oferendas e sacrifícios já não mais traduziam a vida concreta das pessoas. Ele não titubeia ao proferir oráculos contra a religião que se torna legitimadora da exploração e da injustiça. Para ele, Deus é o amor que perdoa antes mesmo que os filhos lhe peçam.

Procurando entender o primado da misericórdia sobre o sacrifício, este artigo propõe uma reflexão para mostrar alguns dos significados seculares e religiosos do “sacrifício”, com o olhar voltado para a absoluta excelência do amor e da compaixão misericordiosa de Deus para com todo ser humano sob qualquer forma de sacrifício.

Palavras-chave: Misericórdia. Sacrifício. Nova Aliança. Amor.

Abstract

This article if relates to a reflection on the subject “I wants mercy and not sacrifice”. Part, I begin it, of the Biblical citation of the book of prophet Oseias 6,6. Oseias, living in a critical period of the history of Israel, exceeds its dramatical marriage experience, and discloses, from its faith, a new face of God: of the merciful love. Its attitude is of if placing in the combat to the superstitious cults, whose offerings and sacrifices already more did not translate the life concrete of the people. Not vacillate when pronouncing oracles against the religion that if becomes legislator of the exploration and the injustice. For it, God is the love that he pardons before exactly that the children ask for to it.

Looking for to understand the primate of the mercy on the sacrifice, this article considers a reflection to show some of the secular meanings and religious of the “sacrifice”, with the look come back toward the absolute excellency of the love and the merciful compassion of God it stops with all human being under any form of sacrifice.

Keywords: *Mercy. Sacrifice. New Alliance. Love.*

Introdução

Estamos vivendo em um novo momento histórico. Cresce a cada dia o número de pessoas que desistem de todas as certezas do passado, quer sejam religiosas, culturais e mesmo científicas. O ceticismo atinge, sobretudo, os mais jovens. O eixo da nova cultura não é mais a religião, relegada juntamente com a moralidade e a arte para a esfera da crença particular. “As igrejas têm sido abaladas por escândalos que minaram a sua autoridade. Verifica-se um verdadeiro fascínio por vampiros, extraterrestres e mágicos, pelo oculto, sobrenatural e preternatural. As pessoas acreditam necessariamente em qualquer uma dessas coisas, sentindo-se apenas fascinadas por elas”¹. Cresce o cultivo do valor absoluto do bem-estar, das facilidades em que prepondera o prazer, a curtição e a felicidade a todo custo.

Neste contexto de incertezas e inseguranças, viver a coerência e a fidelidade a Deus é um grande desafio, especialmente para os cristãos. O retorno aos valores religiosos do passado como fonte inspiradora e vigorosa para o presente é fundamental e imprescindível, contudo faz-se necessário um regresso que não seja válvula de escape ou fuga das questões emergentes ou ainda um apego a verdades absolutas de uma espiritualidade intimista e individualista. Na ânsia de salvaguardar “valores”, muitos se equivocam e adentram-se no fundamentalismo religioso chegando à barbárie da violência institucional, revolucionária e até terrorista.

Nas sociedades contemporâneas, mais do que nunca, constata-se um desejo sincero de Deus, uma nova busca de espiritualidade – não necessariamente contemplada dentro de uma religião – mas que sacie os anseios mais profundos de paz e de felicidade do ser humano e que o permita experimentar ou redescobrir o sentido da própria vida como dom e como entrega à divindade. Nesse sentido, o tema do sacrifício, ou seja, “fazer sagrado” algo do humano que o religue com a divindade, ganha relevância. No entanto, o sacrifício é um conceito ambíguo no cristianismo, por isso faz-se mister o seu aprofundamento.

Urge buscarmos, ainda que de forma superficial, os diversos significados da palavra “sacrifício”, bem como o seu sentido religioso, a partir das Escrituras. No desejo de ser porta voz de Deus, Oseias, percebendo a infidelidade de Israel,

1. NOLAN, Albert. *Jesus Hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 27-28.

revela o amor de Deus fazendo uso da sua experiência matrimonial, atento às realidades social, política e religiosa.

No Novo Testamento, Mateus é o evangelista que retoma as palavras citadas por Oseias, deixando-as ressoar da boca de Jesus: “Quero misericórdia e não sacrifícios”. Procurando entender o primado da misericórdia sobre o sacrifício, este artigo propõe uma reflexão para mostrar alguns dos significados seculares e religiosos do “sacrifício”, com o olhar voltado para a absoluta excelência do amor e da compaixão misericordiosa de Deus para com todo ser humano sob qualquer forma de sacrifício.

1. Os diversos significados de sacrifício

Embora o vocabulário sacrificial seja objeto de suspeita por grande parte de nossos contemporâneos, ele continua apto para assegurar o profundo vínculo entre a liturgia e a vida do mundo. O próprio Jesus, em continuidade à crítica dos profetas ao culto do Israel antigo e seus possíveis desvios formalistas dos sacrifícios, advertiu sobre a primazia da misericórdia sobre os sacrifícios (Mt 9,12-13; 12,7). Esse posicionamento provocativo de Jesus e dos profetas israelitas permite-nos interrogar acerca da prática do sacrifício e de sua espiritualidade na história do cristianismo bem como compreender a amplitude e a ambiguidade do referido tema.

Para tanto, urge buscarmos ainda que, minimamente, os diversos significados do “sacrifício”: desde o sentido secular aos sentidos religioso e cristão. Há um significado secular geral de sacrifício, muito comum no cotidiano das pessoas embora quase sempre desprovido do uso do termo “sacrifício”. Já no mundo antigo, o súdito oferecia um presente ao rei para assegurar sua benevolência ou para restaurá-la, em caso de situação desfavorável. Fazia, portanto, um dom, doava algo de si em vista de um bem maior. Outras vezes, para se conseguir algo precioso, de valor, era preciso abrir mão de alguma coisa ou de alguma situação. Essa atitude, porém, gerava e continua gerando tristeza e certo desconforto pela sensação de perda e pela pouca disposição em abandonar algo que se preza.

Desde épocas mais remotas, o sacrifício adquiriu um significado religioso comum no interior das religiões mundiais. Do latim “*sacrum*”, “sagrado” e “*facer*”, “fazer”, sacrifício é o ato pelo qual se oferece a Deus algo que se estima muito, tornando-o sagrado. É fazer o que Deus quer, o que lhe é agradável². Através da oferta de alguma coisa – animal, alimento, flores – o ser humano sempre procurou estabelecer ou restabelecer a sua comunhão com a divindade, ou ainda obter favores ou agradecer por favores recebidos. Entre muitos povos, a refeição

2. SACRIFÍCIO in JORGE, José Antônio. *Dicionário Informativo Bíblico, Teológico e Litúrgico*: com aplicações práticas. Campinas: Átomo, 1999, p. 468-469.

comum tornou-se símbolo supremo da amizade e o banquete sacrificial, o símbolo da comunhão com a divindade.

Em Israel, o sacrifício desenvolveu um significado religioso bem preciso: a importância das disposições religiosas necessárias para oferecer um sacrifício aceitável a Deus. Um elemento básico dos diversos sacrifícios das Escrituras hebraicas é o dom. Na compreensão comum de sacrifício, é importante distinguir entre *o dom enquanto tal* e a *disposição interior* de quem oferece. É esta disposição interior que dá sentido e valor ao dom, conferindo ao “sacrifício”, na linguagem humana, o belo significado de comunicação de dons. No decorrer da história da salvação, houve uma crescente identificação do sacrifício com a expiação e a reconciliação. Tais sacrifícios eram feitos depois de uma ruptura das boas relações do adorador para com a divindade. Nesse caso, o sacrifício visava a pacificar a divindade e restaurar o seu favor.

Quer tratasse de sacrifício de comunhão, expiação e/ou reconciliação, os ofertantes quase sempre faziam da ocasião da oferta uma celebração de alegria, comendo e bebendo diante de Deus (Dt 12,7.12.18). Mas, paralelamente a este dado, desde muito cedo, os profetas combateram os sacrifícios marcados pela pura exteriorização, denunciando possíveis incoerências entre o gesto ritual e a conduta ética do povo (1Sm 15,22; Os 6,4-6; Is 1,10-17; Jr 7,21-22; Am 4,4; 5,21-25; Mq 6,6-8). “Em vez de entender os sacrifícios como atos simbólicos que remetem à necessidade de viver concretamente segundo os preceitos de justiça (*tzedakah*), os crentes são muitas vezes levados a entendê-los como sua garantia ritual, que os salvaguardaria de pôr em prática as exigências da aliança com Deus”³.

O profeta Oseias é contundente no combate aos cultos supersticiosos, cujas oferendas e sacrifícios não traduziam a vida concreta das pessoas. Ele não titubeia ao proferir oráculos contra a religião que se torna legitimadora da exploração e da injustiça. O povo já não tem “conhecimento de Deus”. Por outro lado, Oseias revela o amor misericordioso de Deus (Ex 34,5-6; Sl 103,8) através das afetuosas imagens de esposo (Os 1-3) e de pai (Os 11).

2. O amor misericordioso: novo rosto de Deus em Oseias

Pouco conhecimento se tem sobre a pessoa do profeta Oseias, cujo nome significa “Deus salva” (Nm 13,16). Era filho de Beerí (Os 1,1), casou-se com Gomer e teve três filhos (Os 1-3). Certamente era originário do Norte de Israel e, através de seus textos, percebe-se a linguagem do homem do interior, portador de um projeto de sociedade justa e igualitária, da época tribal. Oseias se apaga atrás de sua missão; quer ser somente porta-voz de Javé.

3. BIANCHI, Enzo. Se compreendêsseis o que significa: “quero misericórdia e não sacrifícios”. In: *Concilium – Revista Internacional de Teologia*, Petrópolis, v. 49, n. 352, p. 580-590, Set./Out 2013. A ambivalência de sacrifício, p. 117.

2.1. Contexto histórico da época de Oseias

Vivendo num período crítico da história de Israel – provavelmente durante os últimos anos de Jeroboão II (786-746 a.C.) até o assédio e a destruição de Samaria pelos assírios (721 a.C.) –, o profeta Oseias ultrapassa sua dramática experiência matrimonial, e, atento à realidade social, política e religiosa em que vivia, descobre e revela, a partir de sua fé, um novo rosto de Deus: o do amor misericordioso, tão apaixonado quanto o amor de um homem por uma mulher! Tão forte e profundo como o amor de um pai por um filho! Com uma paixão que impressiona e uma coragem surpreendente, Oseias exprime as relações entre Javé e Israel nos termos de um matrimônio fracassado que conhece a infidelidade da esposa Gomer, passa pelo divórcio e busca a reconquista do “primeiro amor”.

A partir desta experiência tão humana, vivida à luz da fé, o profeta Oseias capta a dor que contorcia o coração de Deus pela infidelidade de Israel bem como sua infinita capacidade de perdão. Ele nos revela que não é o sacrifício cultural do Templo que, necessariamente, agrada a Deus, mas a entrega/oblação da própria vida, a entrega do coração (Os 6,6).

Nos últimos trinta anos de independência, período em que Oseias atuou como profeta, o Estado de Israel foi marcado por grande militarismo sangrento. Após a morte de Jeroboão II, seis reis ocuparam o trono via golpes de Estado e anarquia política. Foi uma época de grande desintegração religiosa: baalismo, corrupção de profetas e sacerdotes, bem como de decadência moral e exploração dos mais pobres. O povo havia desejado a monarquia como existia entre “os demais povos”, abandonando um sistema político descentralizado que era o sistema das tribos. Mas a monarquia serviu, muitas vezes, para trazer a desgraça ao povo e não a justiça. Oseias condena não a monarquia enquanto sistema, mas os sucessivos golpes de estado inspirados por objetivos alheios aos da fidelidade a Javé: “Eles instituíram reis sem o meu consentimento, escolheram príncipes, mas eu não tive conhecimento” (Os 8,4a). Por trás desta situação violenta estava a Assíria que exigia pesados tributos de seus vassallos. A exploração dos mais pobres cresceu ainda mais. À medida que os assírios iam aumentando a exigência de tributos, a situação econômica e social de Israel ia piorando.

A monarquia estimulava os cultos de fertilidade praticados por ocasião da festa da colheita, em honra de Baal, a fim de obter mão de obra para os campos, de onde vinham os tributos: “... tu te prostituíste longe de teu Deus, amaste o salário de prostituta em todas as eiras de trigo” (Os 9,1). Os pobres, certamente, procuravam tais cultos baalistas porque dependiam da produção da terra para pagarem aos seus senhores. Tanto a terra como seus habitantes sofriam as causas dessa “prostituição”. Oseias aponta os crimes que comprovam a infidelidade de Israel à aliança: “juramento falso e mentira, assassínio e roubo, adultério e violência, e o sangue derramado soma-se ao sangue derramado” (Os 4,2). A monarquia se apoiava numa estrutura social opressora mantida pelo exército e pela religião. Os

sacerdotes, os profetas e os reis são acusados por Oseias como os responsáveis pela violência institucionalizada e pela infidelidade do povo.

Os sacerdotes são acusados por não instruírem o povo segundo a Lei: “Meu povo será destruído por falta de conhecimento. Porque tu rejeitaste o conhecimento, eu te rejeitarei do meu sacerdócio; porque esqueceste o ensinamento de teu Deus, eu também me esquecerei dos teus filhos” (Os 4,6). Evidentemente que Oseias não se referia a um conhecimento intelectual, mas à busca dos desejos de Javé, o conhecimento de sua vontade que incluía a retidão, a justiça, o amor ao próximo. Os sacerdotes deviam instruir as pessoas inspirando-se na legislação fundamental e emitindo uma diretiva, uma *torah*.

Com a entrada do baalismo em Israel, o profeta percebe uma ética contrária ao javismo. A religião baalista não se preocupava com a prática da justiça. Os deuses cananeus exigiam do povo apenas o culto; assim os opressores eram sustentados pelo povo que, afastando-se de Javé, era conduzido à perdição. O culto a Baal estava acontecendo até nos santuários javistas: “Em Betel vi uma coisa horrível: ali se prostitui Efraim, contamina-se Israel” (Os 6,10). Oseias denuncia a idolatria, o culto a um deus que poderia ser manipulado: “Meu povo consulta o seu pedaço de madeira, e o seu bastão faz-lhe revelações, porque um espírito de prostituição os seduziu” (Os 4,12). A crítica profética se dirige contra os sacerdotes que se apropriam da religião e enganam o povo: “Vivem oferecendo sacrifícios no alto dos montes, queimando incenso sobre as colinas ou debaixo de um carvalho, de um salgueiro ou de um terebinto, cuja sombra lhes agrada (...), vocês mesmos andam com prostitutas e sacrificam com as prostitutas sagradas” (Os 4,13.14).

A corrupção das lideranças políticas e religiosas provoca um clima de “prostituição” em toda a nação (Os 5,3-4). Em situações de injustiça e opressão, Javé não se deixa encontrar (Os 5,6). As alianças com as potências estrangeiras são consideradas um adultério, pois favoreciam a idolatria: “Efraim é um asno selvagem solitário, contratou amantes para si” (Os 8,9). Nesta situação, Oseias prega o julgamento divino anunciando o exílio (Os 5,8-9). Ante o pecado e o castigo de Judá (Os 5,10) e de Israel, afetuosamente sempre chamado de “Efraim” (Os 5,11-12), é inútil buscar socorro no imperador da Assíria (Os 5,13) e não adianta acorrer com presunção ao Senhor, como se Deus fosse obrigado a socorrê-los (Os 6,1-3).

Assim sendo, Deus se retira e se põe a esperar que o procurem: “Vou-me embora, voltarei ao meu lugar, até que se reconheçam culpados e procurem a minha face; na sua angústia, eles me procurarão” (Os 5,15). “Procurar a face de Deus” é procurar conhecer sua vontade e a única procura autêntica é a que busca o bem, evita o mal e conduz à vida (Am 5,4). Fracassados e feridos, os dois reinos – Israel (Efraim) e Judá – acorrem a Javé (Os 6,1-3). Eles madrugarão para buscar o Senhor (Sl 63,2). O Senhor os acolherá? Haverá conversão autêntica?

A profecia de Oseias exprimirá as condições exigidas para um retorno sincero ao Senhor. De modo esplêndido Os 6,1-6 resume a mensagem moral do profeta. Ele revela a essência da verdadeira religiosidade, contraposta aos sacrifícios formalistas e à piedade superficial de Israel.

2.2. A essência da religião: Os 6,1-6

No projeto original do Povo de Israel de formar uma sociedade igualitária, os levitas orientavam o povo na vivência da aliança com Deus e procuravam manter viva a memória da libertação realizada no êxodo. Com o passar dos anos, os levitas abandonaram sua missão e se institucionalizaram dentro do sacerdócio, buscando dominar o povo pelo exercício da religião. Conseqüentemente, “o povo perdeu a memória do Deus próximo, que caminhava com Ele e o libertava e começou a ter a imagem de um deus distante e vingativo que precisava ser temido e apaziguado com muitos sacrifícios e oferendas”⁴.

Ao experimentar o “abandono de Deus” (Os 5,15) até o dia em que fosse julgado para corrigir-se, o povo israelita, mediante a profecia de Oseias, exprime o arrependimento, no desejo de reencontrar o favor divino perdido (Os 6,1). A “procura de Javé”, manifestada em muitos oráculos proféticos (Os 3,5; 5,6.15; Sf 1,6; Am 5,4) é atitude religiosa fundamental no Antigo Testamento. O julgamento contra Israel, já anunciado por Oseias (2,9; 3,5; 5,4), está prestes a realizar-se: temeroso, o povo decide retornar a Deus. A certeza de que o Senhor irá curar-lhe as feridas, leva-os a uma atitude de conversão.

É preciso “conhecer Javé” (Os 6,3): atitude há muito esperada de Israel para com o Deus da aliança (Os 2,10.22; 4,16; 5,4). Da mesma forma como Deus “se faz conhecer ao homem” unindo-se a ele por aliança, manifestando-lhe seu amor (*hesed*) por seus benefícios, assim o homem “conhece a Deus” pela atitude que implica a fidelidade à sua Aliança, o reconhecimento de seus dons, o amor. O resultado do “conhecimento” é o retorno de Javé, após ter-se afastado (Os 5,15). O povo está confiante que Javé retornará: “...certa como a *aurora* é sua vinda, Ele virá a nós como a *chuva*, como o aguaceiro que ensopa a terra” (Os 6,3). “É possível que estas imagens se refiram discretamente aos cultos cananeus, nos quais se ofereciam sacrifícios aos baalim pedindo os frutos da terra e a fecundidade”⁵.

Aos propósitos do povo, Deus responde pela boca de Oseias: “Que te farei Efraim? Que te farei Judá?” (Os 6,4ab). Tais perguntas retóricas revelam a luta

4. NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. *Como ler o Livro de Oseias: reconstruir a casa*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 39.

5. VIRGULIN, Stefano. § 19. Amostras de Exegese. In: BALLARINI, Teodorico (edit.). *Introdução à Bíblia*, V.II/4. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 67.

entre a vontade salvadora e a vontade punitiva de Javé⁶. Javé se pergunta o que deve fazer ainda e, “talvez refletindo”, admite que Israel tenha certo *amor* (*hesed*), mas este “é como a nuvem da manhã, como o orvalho que cedo desaparece” (Os 6,4cd). O Senhor conhece a profundidade dos corações (Sl 139,1; Jr 12,3) e sabe que a conversão de Israel é superficial e passageira. O plano salvífico de Deus, que comporta o castigo educativo foi colocado em plena luz mediante os profetas (Os 6,5). Javé, agora, deixa claro o que espera do seu povo no regime da aliança. O povo pensa que Javé se compraz em sacrifícios cruentos e em holocaustos, mas o povo se engana. O Senhor exige amor, misericórdia (*hesed*) e conhecimento (*da‘at*) de Deus. *Hesed* significa a atitude de fidelidade e benevolência para com Deus e para com o próximo da parte daquele que crê. É uma atitude que se torna viva por um senso de ternura que põe em evidência o caráter pessoal da piedade. O significado de *da‘at* é muito semelhante ao de *hesed*. Trata-se de um conhecimento que é adesão plena à vontade de Deus, segundo os termos da Aliança⁷.

Oseias não condena o culto externo em si mesmo, mas como outros profetas (Is 1,10-20; Jr 6,20; 7,21; Am 5,21-23; Mq 6,6) não o aprova enquanto se reduzia a mero formalismo, destituído da oblatividade que deve acompanhar o gesto do ofertante. O *amor* e a *piedade* constituem o essencial que precisa estar na interioridade da pessoa. “Eu quero misericórdia e não sacrifício”: eis o que define verdadeiramente a essência da religião do espírito!

2.3. O amor esposal de Deus na experiência dramática de Oseias

O profeta Oseias, homem de fé intensa que cultivava um relacionamento de intimidade com Deus, conseguiu captar a essência da verdadeira religião. Sua audácia tem algo que surpreende profundamente. Seu casamento, por ordem divina, com uma prostituta ou com uma esposa que o trai ferindo-lhe profundamente a alma (Os 1,2-13), tem um valor simbólico, que lhe permite compreender o relacionamento amoroso entre Javé e o seu povo revelando, assim, o mistério do desígnio salvífico de Deus. É imaginável que Oseias tenha conhecido Gomer nas festas religiosas realizadas na eira, para invocar a fertilidade de Baal (Os 9,1-3) e que tenha participado do sofrimento de muitos pais e maridos que viram suas filhas e jovens esposas se prostituírem, incentivadas pelos sacerdotes e agentes do Estado (4,11-13). Oseias sentia o coração sangrando com a situação de Israel (Os 4,18-19). Foi uma dor grande demais!

Os nomes simbólicos dos filhos de Oseias refletem, nesse momento da história, os sentimentos de Deus para com Israel: *Jezrael* é vale onde Jeú derrotara a dinastia anterior. O nome deste primeiro filho anuncia um castigo à dinastia de

6. Cf. Ibid., p. 68.

7. Cf. Ibid., p. 68.

Jeú (Os 1,4). O nome da filha *Lo-Ruḥamah* (“Não-amada”) expressa a atitude de Deus desprezado, o qual não terá compaixão por aqueles que o abandonaram: “doravante não mais terei piedade da casa de Israel, para ainda lhe perdoar” (Os 1,6). O terceiro filho recebe o nome de *Lo-’Ammi* (“Não-Meu-Povo”) e significa que está rompida a Aliança entre Deus e seu povo escolhido: “Não sois meu povo, e eu não existo para vós” (Os 1,9).

O relacionamento entre Oseias e Gomer parece ter sido marcado por certo egoísmo. A linguagem de Oseias 2,4-15 é violenta e vingativa. Ele relembra os dons materiais que foram oferecidos a Gomer antes de ir atrás de seu amante: o trigo, o mosto e o óleo e também o ouro e a prata. O interesse de Oseias, naquele momento, não era tanto o de recuperar o relacionamento com a esposa, mas recuperar os bens perdidos e proibir a Gomer ir atrás de outros amantes (Os 2,8-9). É a atitude de quem se sente desprezado, traído, ferido no amor. Amor que, talvez, não tenha sido captado por Gomer. Por isso, Oseias convida os filhos a processarem a própria mãe.

De fato, Oseias anuncia que Javé vai abrir um processo “contra os israelitas”, que são acusados, a exemplo da esposa, de infidelidade. O amor ultrajado não se resigna a odiar, mas, por uma série de castigos, tenta reconduzir a infiel. Todo o processo é feito para “que ela afaste do seu rosto as prostituições e de entre os seios os seus adultérios” (Os 2,4b).

Mas o rigor de Oseias é vencido por sua sensibilidade e toda a tentativa de esquecer a esposa torna-se inútil. O amor é muito maior que a humilhação e provoca a esperança de que Gomer mude de atitude. Quem sabe, tratando-a com paciência e carinho, ela reconheça seu erro, sinta-se amada e volte ao verdadeiro amor. Eis o ponto de partida para a conversão de Oseias. Ao mudar seu modo de tratar Gomer é sua própria concepção de Javé que muda: não mais um Deus que tudo exige e nada suporta, mas um Deus totalmente gratuito no amor (Os 2,16-25).

Deus não deixou de amar Israel, esposa infiel, apesar do abandono e da traição, e quer a reconciliação. A esposa (Israel) será atraída ao deserto, lugar de solidão: “Por isso, eis que vou, eu mesmo, seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração”. O deserto foi o tempo da prova, do teste para Javé conhecer o íntimo do povo de Israel, que não conhecia os deuses estrangeiros. Lá, Javé fez uma aliança com o povo e este aprendeu um novo modo de viver. O sinal da conversão será o desaparecimento de todo vestígio do culto a Baal, o “amante” atrás do qual tinha ido o povo, pensando ilusoriamente que recebera dele prosperidade e benefícios (Os 2,7-11). As promessas feitas por Javé, também de prosperidade material, haviam sido esquecidas. Agora, mais uma vez, Javé promete-lhe paz (Os 2,20) e a abundância (Os 2,23-24) na terra da promessa (Os 2,25).

O novo pacto de amor, a nova aliança será para sempre: “Eu te desposarei a mim para sempre, eu te desposarei a mim na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu te desposarei a mim na fidelidade e conhecerás a Javé” (Os 2,21-22).

Nestas novas núpcias, Javé dá a Israel as disposições interiores para corresponder à aliança. Esta aliança eterna não será fundada na fragilidade do povo, mas na justiça, benevolência, amor e fidelidade de Javé.

O tempo passa e Oseias recebe nova ordem de Javé: “Vai novamente, ama uma mulher que ama outro e que comete adultério...” (Os 3,1). Esta ordem divina parece mais difícil que a primeira porque exigirá de Oseias ultrapassar o amor ferido. Porém, o argumento usado por Javé é igualmente forte: “...como Javé ama os filhos de Israel” (Os 3,1). O amor de Javé por seu povo deverá ser modelo para o profeta. Oseias resgata Gomer junto ao seu atual senhor, no santuário, onde se fizera hieródula, pelo preço aproximado do resgate de um escravo. Desta vez, está consciente de que precisa oferecer-lhe mais amor para que Gomer não vá atrás de outros amantes.

A magnanimidade do profeta para com a infiel é o símbolo do amor perseverante e inalterável de Javé por seu povo.

2.4. *Misericórdia: o amor de Deus Pai e Mãe*

Em seu cotidiano dramático e muitas vezes incompreensível, Oseias faz um caminho penoso para compreender vagamente o amor de Deus por seu povo. Ele não experimenta um deus distante, poderoso, vingador, mas faz uma experiência profunda de um novo rosto de Deus.

A relação Oseias-Gomer não é a mesma de Javé-Israel, ou seja, o amor divino é sempre infinitamente maior e incomparável ao amor humano, por mais forte e profundo que este seja. Israel é sempre tentado ao desvio, mas o amor de Deus é forte e fiel. É um amor totalmente gratuito, incondicional; não é uma forma pragmática, utilitarista.

Para falar do amor de Deus por seu povo, Oseias usa o termo *hesed*⁸ que indica uma profunda atitude de bondade. Quando esta disposição se estabelece entre duas pessoas, estas passam a ser, não apenas benévolas uma para com a outra, mas ao mesmo tempo reciprocamente fiéis por força de um compromisso interior. Em Deus *hesed* exprime, portanto, a fidelidade à sua aliança, e a bondade que dela decorre em favor do povo eleito, expressa graça ou amor: “Eu te desposarei a mim para sempre, eu te desposarei a mim na justiça e no direito, no amor e na ternura” (Os 2,21).

A aliança foi da parte de Deus um dom e uma graça para Israel. No entanto, *hesed* adquiria, em certo sentido, um conteúdo legal, uma vez que Deus, em coerência com a aliança estabelecida, se tinha comprometido a respeitá-la. Porém, quando Israel infringia a aliança, o compromisso jurídico da parte de Deus

8. Cf. MCKENZIE, John L. ‘Misericórdia’. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 615- 618.

deixava de ser obrigatório. Então, deixando de ser simplesmente uma obrigação jurídica, aparece o significado mais profundo de *hesed*: amor que se doa, amor mais potente do que a traição. Mas este *hesed* de Deus requer do ser humano, também, o *hesed*, isto é: a amizade confiante, a ternura, o amor que se traduz por uma submissão alegre à vontade de Deus e pelo amor ao próximo.

O que Deus quer é a conversão sincera: não se trata apenas de justiça interior, intimista, mas da prática da justiça em todos os relacionamentos com o próximo. No trato mútuo é que se manifesta a resposta ao amor de Javé. É também este o sentido que Oseias proclama em 6,6: “Porque é amor (misericórdia) que eu quero e não sacrifício, conhecimento de Deus mais do que holocaustos”. Talvez o povo de Israel acreditasse que, para voltar a Javé, bastava a confissão dos pecados, a confiança no perdão divino, os sacrifícios e holocaustos. Oseias mostra que não basta o propósito de voltar a Deus (Os 6,1-3) e em nome de Javé, insinua uma grande dúvida sobre a constância da fidelidade de Israel (Os 6,4). O que Deus quer é amor do seu povo, sua adesão profunda e exclusiva; prefere-a a qualquer sacrifício.

A Deus não agrada o culto vazio, desligado da vida concreta e transformado em pura exterioridade. Sem a prática da justiça e da misericórdia nas relações com o próximo, o povo já não é reconhecível como o povo de Deus e todo o seu culto não tem nenhum valor. O sacrifício é autêntico quando corresponde à disposição interior da pessoa.

A disposição que fundamenta a aliança, ou seja, o *hesed*, é reforçada pelo uso de outra palavra: *raḥamim*⁹. *Raḥamim* significa disposição permanente de ajudar e proteger a outra parte e denota o amor de mãe. Deste amor se pode dizer que é totalmente gratuito e constitui uma necessidade interior: é uma exigência do coração.

Desde o dia em que Javé elegeu e chamou o seu povo, foi este para ele um “filho” cercado de todo afeto. Israel é filho querido de Deus: “Quando Israel era menino, eu o amei. Do Egito chamei o meu filho. E, no entanto, quanto mais eu os chamava, mais eles se afastavam de mim: ofereciam sacrifícios aos Baais, queimavam incensos aos ídolos” (Os 11,1-2).

Na tradição de Israel, o título de filho de Deus era dado somente ao rei (Sl 2,7). Usar esse termo tão afetivo para Israel é uma grande novidade de Oseias. É uma nova maneira de se relacionar com Deus; senti-lo como “pai” que ama e chama para a vida, para a liberdade e como “mãe” que o toma nos braços, levanta-o até o rosto e ensina-o a caminhar.

A libertação do Egito foi o primeiro gesto de amor, que em seguida se expandiu na ternura e nos mais assíduos cuidados: “Fui eu, contudo, quem ensinou

9. Cf. MCKENZIE, John L. “Misericórdia”. In: *Dicionário Bíblico*, p. 616.

Efraim a caminhar, eu os tomei em meus braços, mas não reconheceram que eu cuidava deles! Com vínculos humanos eu os atraía, com laços de amor eu era para eles como os que levantam uma criancinha até a altura do próprio rosto. Para dar-lhes de comer, eu me abaixava até eles” (Os 11,3-4). As características maternas do amor de Deus se tornam mais evidentes. Seu amor é pura gratuidade. Ele ama o povo como filho querido não porque o povo tenha merecimentos, mas porque Ele é bom, é misericordioso. Apesar de o povo ter demonstrado infidelidade desde o começo (Os 11,2), Javé com seu amor paciente, não vai abandoná-lo e nem exterminá-lo (Os 11,8-9). Os critérios do agir de Deus não se baseiam no merecimento. O coração do pai não se conforma com a perda do filho. Javé reconduzirá a si o povo infiel.

Oseias capta novas características do rosto materno de Deus: a bondade e a ternura, a paciência e a compreensão, que é o mesmo que dizer a prontidão para perdoar. Mesmo quando lhe sobem aos lábios palavras ameaçadoras de pai irritado, a intenção é convidar ao retorno a Javé que sempre perdoa. A santidade divina é compreendida por Oseias como “misericórdia que perdoa”. Deus é o amor que perdoa antes mesmo que os filhos lhe peçam.

Essa corrente profética pode ser resumida com o célebre oráculo posto na boca de Deus por Oseias: “Amor (*hesed*) eu quero e não sacrifício, conhecimento de Deus mais que os holocaustos” (Os 6,6). Mais tarde, esta primeira parte da afirmação de Oseias será retomada por Jesus, no evangelho segundo Mateus, capítulos 9,12-13 e 12,7.

O profeta Oseias (6,6), ao citar: “quero amor e não sacrifício”, sua fala quer repudiar os ataques violentos da época que, ao serem praticados, não levavam em conta a prática do direito e da justiça. Jesus foi esse continuador da linha profética: condenou todo tipo de culto que não correspondia a uma práxis de compromisso com o próximo. Jesus, ao morrer na cruz, morre não em um sacrifício, mas contra todos os sacrifícios, para que não existam mais sacrifícios. Isto é o mesmo que reconhecer nele a Palavra de Deus encarnada: “Misericórdia eu quero e não sacrifício” (Mt 9,13).

Através das imagens significativas e afetuosas de esposo (Os 1–3) e de pai (Os 11), Oseias apresentou-nos o amor misericordioso e compassivo de Deus, e, Jesus Cristo, na “plenitude do tempo” (Gl 4,4), nos revelou, de modo definitivo, o “rosto da misericórdia do Pai”. Contemplar tão sublime mistério é “fonte de alegria, serenidade e paz. É condição de nossa salvação. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação de nosso pecado” (*Misericordiae Vultus*, 2).

A partir da fé cristã devemos dizer que a misericórdia é a única reação verdadeiramente humana diante do sofrimento de milhões de seres humanos que

buscam vida digna em todo o mundo, vítimas da desigualdade social provocada por uma economia excludente. A Deus não agradam os sacrifícios; Ele se compraz com a misericórdia.

Conclusão

O amor é mistério insondável e indestrutível que une as pessoas; é a fonte de qualquer comportamento verdadeiramente humano. E o amor vem de Deus. Somente amando podemos fazer a experiência de Deus.

A verdadeira experiência de Deus nos leva a um conhecimento interno de como é Deus: “Deus é amor”. O encontro com Ele é autêntico e legítimo quando a pessoa se descobre intimamente a si mesma enquanto digna de amor e traduz este encontro em atitudes e gestos que refletem o projeto de Deus: prática libertadora, particularmente a justiça e o serviço que conduz à doação da vida e à misericórdia, sobretudo para com os mais sofredores e oprimidos. O amor é, portanto, a expressão visível da fé em Deus. Sem amor não há cristianismo, nem fé, nem religião.

Hoje, como no tempo de Oseias, o povo em busca de prosperidades materiais, muitas vezes se esquece de volver o pensamento e a prece ao verdadeiro Deus, voltando-se para Baal. Baal pode, hoje, ser representado por certo domínio do homem sobre a natureza, como também pode significar a divindade do dinheiro, do lucro, dos bens de consumo, do prazer e de tantos outros ídolos que impedem o verdadeiro encontro com Deus.

A cultura ocidental moderna se apresenta como a cultura da libertação, mas é denunciada como opressora, priorizando o econômico, onde coexistem: os ultraprivilegiados e as multidões de excluídos. O eixo da nova cultura não é a religião. Novas religiões contemporâneas cultivam o valor absoluto do bem-estar, das forças mágicas, dos mistérios, das mitologias e do sobrenatural; procuram fazer deste mundo uma cópia do sobrenatural, onde todos são felizes. Viver a coerência e a fidelidade a Deus, neste contexto contemporâneo, é um desafio, sobretudo para os cristãos.

O profeta Oseias experimentou este encontro mais profundo com Deus e, sentindo-se amado, foi capaz de amar fortemente e traduzir este amor em atos e palavras. Sua experiência ajuda-nos a compreender que Deus pode estar muito perto. Ele se torna acessível.

Na ótica divina, amor se traduz em fatos concretos. Se Deus nos amou primeiro, nossa vida de amor nada mais é do que resposta à iniciativa dele. Amando, experimentamos quem Ele é.

*Maria de Lourdes Augusta
Neuza Silveira de Souza
Rua Rio Pomba, 1461
Bairro Pe. Eustáquio
30720-290 Belo Horizonte, MG*

Bibliografia

AMSLER, S. et. al. *Os Profetas e os Livros Proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 66-89.

BIANCHI, Enzo. Se compreendêsseis o que significa: “quero misericórdia e não sacrifícios”. In: *Concilium – Revista Internacional de Teologia*, Petrópolis, v. 49, n. 352, p. 580-590, Set./Out 2013. A ambivalência do sacrifício.

DAIBER, João. O amor humano de Deus em Oseias. *Estudos Bíblicos*, n. 63, p. 26-37, 1999.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. Papa. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*. São Paulo: Paralela, 2014.

_____. Papa. *Misericordiae Vultus: Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*. Documentos do Magistério. São Paulo: Paulus, Loyola, 2015.

GARMUS, L. Simbolismo matrimonial nos profetas. *Estudos Bíblicos*, n. 40, p. 50-63, 1993.

JORGE, José Antônio. *Sacrifício*. In: Dicionário Informativo Bíblico, Teológico e Litúrgico: com aplicações práticas. Campinas: Átomo, 1999.

MCKENZIE, John L. *Misericórdia*. In: Dicionário Bíblico. São Paulo: Paulus, 2005.

MEZZACASA, Florencio. Jesus, o Go’el. In: *RIBLA*, n. 18, 1994.

NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. *Como ler o Livro de Oseias: reconstruir a casa*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

NOLAN, Albert. *Jesus Hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. São Paulo: Paulinas, 2008.

STANDAERT, B. “Misericórdia Voglio” [Mt 9,13 e 12,7], em Parola. Spirito e Vita 29 [1994] 110), In: *Concilium*, Revista Internacional de Teologia 352 (2013/4), p. 118 [582].

SIMIAN-YOFRE, Horacio. *El desierto de los dioses: Teologia e História en el libro de Oseas*, Cordoba: Ed. El Almendro, 1992.

VIRGULIN, Stefano. § 19. Amostras de Exegese. In: BALLARINI, Teodorico (edit.). *Introdução à Bíblia*, V. II/4. Petrópolis: Vozes, 1978.